

# REGIÃO DE LEIRIA

Edição de 96 páginas  
jornal + suplemento



**PME Excelência**  
As empresas e os sectores que fazem da região uma das mais dinâmicas do país

[www.regiaodeleiria.pt](http://www.regiaodeleiria.pt)

1 euro (IVA 6% incluído) // Diretor Francisco Rebelo dos Santos // Diretora-adjunta Patrícia Duarte // Ano LXXXVI // Edição N.º 4391

Joachim Dâmaso



## Atletismo Treinadores unidos na vida e no desporto defendem Portugal em Tóquio

Pág.32

Cátia Ferreira e Paulo Reis, de Leiria vão acompanhar atletas da região aos Jogos Olímpicos

### Dia Internacional da Reciclagem

Leirienses dizem que ecopontos estão sujos e são poucos // Poluição das suiniculturas é o maior problema ambiental // Gonçalo Lopes afirma que Estado tem culpas na poluição do sector pecuário e no fogo do Pinhal de Leiria // Conferência REGIÃO DE LEIRIA revela o caminho da sustentabilidade Pág.6

Com o apoio de:



Futebol  
Festa verde fez parar Leiria  
Pág.4



Solidariedade REGIÃO DE LEIRIA entrega quase 7 mil euros ao Banco Alimentar Pág.18

PUBLICIDADE

**OUTLET**  
La Redoute  
COLEÇÃO PRIMAVERA  
Vestuário e Calçado

**-70%**  
**+15% EXTRA**

Descubra a vasta GAMA DE MOBILIÁRIO que temos para a sua casa a PREÇOS IMPERDÍVEIS...

\* Sobre o preço base apresentado, válido até 31 de maio.



# Dia Internacional da Reciclagem



## Conferências Leiria 2021 Homem e natureza. Uma relação sem futuro ou que precisa de ser cuidada?

**Ambiente** Mudar hábitos e mentalidades é o primeiro passo para garantir o futuro do planeta. A relação do ser humano com o meio ambiente está em rutura e é urgente cuidar dela

O ambiente é uma preocupação na ordem do dia, sobre isto não haverá grandes dúvidas. Já em relação ao que deve ser feito a curto, médio e a longo prazo para proteger o planeta é uma discussão que ocupa largas horas.

A propósito do Dia Internacional da Reciclagem, 17 de maio, o REGIÃO DE LEIRIA mergulhou nas questões ambientais e foi à procura de respostas não só sobre a separação de resíduos, mas também dos principais problemas ambientais da região, o

estado da relação entre o Homem e a natureza e o que se espera de uma cidade amiga do ambiente. O ponto de partida é a conferência da passada sexta-feira, dedicada a este tema, e organizada pelo nosso jornal em parceria com a Câmara de Leiria.

“Rutura” é a palavra utilizada por Helena Freitas, uma das convidadas, para classificar a relação entre o Homem e a natureza. Para a professora da Universidade de Coimbra e coordenadora do Centro de Ecologia Funcional,

a pandemia veio demonstrar o resultado de uma relação abusiva por parte do ser humano. “O modelo de desenvolvimento que temos não serve uma boa relação entre o Homem e a natureza”, começa por dizer, elencando as consequências como sendo as alterações climáticas e a crise de biodiversidade que vivemos.

Cláudio de Jesus, presidente da Águas de Portugal Internacional e também orador convidado, completa o raciocínio: “estamos a sobre-explorar recursos e continuamos a querer produzir mais e em maior quantidade”. A situação é crítica e a resolução muito complexa, garantem.

A próxima década é “particularmente importante” no que diz respeito às alterações climáticas, conforme aponta Helena Freitas,

uma vez que os estados-membros da União Europeia, da qual Portugal faz parte, estão comprometidos com a redução em 55% das emissões de gases com efeito de estufa, como o dióxido de carbono. “Para terem uma ideia, durante o confinamento, em que estivemos muito fechados em casa, estima-se que tenhamos reduzido 7%” das emissões de CO<sub>2</sub>, avança a especialista.

Helena Freitas acredita que Portugal “é um dos países que vai sofrer com o efeito das alterações climáticas, a muitos níveis”, nomeadamente no que diz respeito à agricultura. Um cenário de maior aquecimento global pode levar à escassez de água de qualidade, uma das maiores ameaças da agricultura, já que, segundo Cláudio de Jesus, esta indústria

consome “70% da água que necessitamos para viver”.

Tudo conjugado prova que estamos perante um período de transição ecológica, aliada a uma transição alimentar. “Vamos consumir menos carne, pelo menos na lógica da criação intensiva, vamos querer mais consumo vegetal e consumo de proximidade”, assegura Helena Freitas. O resultado? Uma sociedade que sabe viver com a natureza.

### Do betão para a madeira

Ricardo Camacho não hesita: “quem primeiro se livrar do betão é quem vai estar mais à frente” na defesa do ambiente. O arquiteto falava na conferência da passada sexta-feira e referia-se ao impacto do uso de materiais como o betão e o asfalto na cons-



Numa região onde existem cimenteiras, fábricas, celulosas, qual é o papel da construção civil? Aí há diferenças muito grandes porque há cem anos a ideia de modernização era o uso de betão, mas hoje em dia está no lado inverso”.

**Ricardo Camacho**  
arquiteto



Não basta ter muitas árvores pequeninas [na cidade], porque para haver um efeito de redução de temperatura, de filtração do ar, de dotação de sombra, é preciso ter árvores com alguma dimensão”

**Sónia Guerra**  
bióloga



O modelo de desenvolvimento que temos não serve uma boa relação entre o Homem e a natureza”

**Helena Freitas**  
professora da Universidade de Coimbra e coordenadora do Centro de Ecologia Funcional,



A cidade do futuro vai ter menos betão, menos alcatrão, mais hortas urbanas, menos ruído, melhor qualidade do ar e, de preferência, melhor qualidade da água”

**Cláudio de Jesus**  
presidente da Águas de Portugal Internacional



trução civil. “Numa região onde existem cimenteiras, fábricas, celulosas, qual é o papel da construção civil?”, questiona Ricardo Camacho, admitindo que “há cem anos a ideia de modernização era o uso de betão, mas hoje em dia está no lado inverso”. O especialista desafia os institutos de investigação locais a encontrar materiais que possam substituir os habituais “para depois poderem influenciar o mercado da construção civil, a procura do mercado imobiliário e a forma como os arquitetos projetam”. No final, a própria regulamentação deverá ser influenciada.

Se ao olhar para as cidades se vê mais betão do que madeira, também a (in)existência de espaços verdes contribuirá para isso. Sónia Guerra, bióloga e oradora na conferência do REGIÃO DE LEIRIA/Município de Leiria, acredita que “os espaços verdes continuam a ser pouco valorizados nas estratégias municipais” e, em alguns casos, até mal projetados e geridos.

A bióloga começa por criticar a utilização de floreiras para a plantação de árvores e explica que o método condiciona os ciclos hídricos e os serviços de ecossistemas relacionados com a infiltração de águas pluviais. “Há uma diferença fundamental entre plantar uma árvore numa

caleira em terra, por exemplo, ou num vaso. Numa caleira vamos ter um contributo em infiltração de águas pluviais e até minimizar impactos de cheias”, completa.

A própria dimensão das árvores e a sua manutenção é criticada. Sónia Guerra alerta que “não basta ter muitas árvores pequeninas, porque para haver um efeito de redução de temperatura, de filtração do ar, de dotação de sombra, é preciso ter árvores com alguma dimensão”, especialmente no que diz respeito à copa. Esta é a zona da árvore responsável pela “fixação de gases poluentes e dióxido de carbono, que faz sombra e evapotranspiração foliar, o que reduz a transpiração na cidade”. A bióloga aponta o dedo às “podas excessivas” que, “muitas vezes”, se verificam nas cidades. A solução poderá estar na criação de um guião para a

**Em espaços verdes, uma árvore com maior dimensão vale mais do que muitas pequenas. A copa é a responsável pela redução de temperatura, filtração do ar e dotação de sombra**

manutenção de espaços verdes públicos e também uma maior exigência por parte das autarquias às empresas responsáveis.

#### **A cidade do futuro**

Uma sociedade informada. É assim que Sónia Guerra visiona a cidade do futuro, naturalmente amiga do ambiente. “Devia ser obrigatório todas as pessoas estarem devidamente informadas dos processos, só assim é que vão exigir mais rigor e sentir-se motivadas”, afirma. Ricardo Camacho alinha no mesmo pensamento e considera que “conhecer o sítio onde se habita é fundamental” para se inspirar uma maior consciência.

A importância de cada cidadão é, para Helena Freitas, a chave do futuro nas cidades: “Elas têm que ser pensadas para as pessoas, isto também é do ponto de vista ambiental, porque ela será inclusiva, sustentável, digital, tecnológica, vai ter mobilidade e sinalética que serve toda a gente e a preocupação de levar recursos essenciais a toda a gente”. Já a terminar a sessão, Cláudio de Jesus deixou a receita. A cidade do futuro “vai ter menos betão, menos alcatrão, mais hortas urbanas, menos ruído, melhor qualidade do ar e, de preferência, melhor qualidade de água”, conclui. *JM*

## **Gonçalo Lopes: “Por poluir não há um único preso”**

**A poluição** do rio Lis, causada maioritariamente por atividades suínícolas, foi um tema inevitável na sessão da passada sexta-feira. Já no final do encontro, o presidente da Câmara de Leiria tomou a palavra, indignado. “Em Leiria toda a gente sabe [o que se passa], mas o problema é que asobiam para o lado”, disse. Num estudo realizado recentemente pela Câmara de Leiria (ver página 12), 32% dos leirienses afirmaram que deve ser a autarquia a resolver esta questão. “Isto quer dizer que o Estado português, o braço armado da proteção do ambiente, o grande responsável pela produção de leis em Portugal, não foi capaz de o resolver, então tem que ser o político de proximidade”, afirmou Gonçalo Lopes. E foi mais longe: “O centralismo em Portugal faz com que ele esteja falido, foi por isso que o Pinhal de Leiria ardeu”. O autarca considerou que o “problema das suíniculturas” não está resolvido porque “este é um país sem justiça, porque por poluir não há um único preso”. Gonçalo Lopes lembrou ainda que, mesmo quando for implementada uma solução de tratamento de efluentes suínícolas, é preciso garantir a entre-

ga. “Uma coisa é certa, se não houver garantia da entrega, vai continuar a ir para o rio ou a ser espalhado por sítios onde não devia ser”, apontou.

Questionado sobre o tema, ao longo da conferência, Cláudio de Jesus avançou que o grupo Águas de Portugal está a “procurar encontrar soluções” em conjunto com “os verdadeiros poluidores”. O responsável admitiu que as soluções são várias, nomeadamente a “otimização da estação de tratamento que existe [ETAR do Coimbrão] e as próprias instalações vão ser alvo de melhorias ou até deslocalizadas”. Helena Freitas, que ocupava lugar no painel quando o tema surgiu no debate, lançou um desafio: “se a solução ecológica está garantida (...), a seguir acho que era importante termos uma plataforma de informação e gestão de dados que nos permita acompanhar, já. (...) E exigir um plano de requalificação do rio ou da bacia hidrográfica nos próximos 10 anos. Há dinheiro para isto, o Pacto Europeu contempla a requalificação dos rios”. Para a especialista, a despoluição do rio Lis deverá ser um projeto de regeneração e valorização do território. *JM*





Até há alguns anos, o lixo era o fim da linha de tudo. Hoje só temos 2% de lixo que vai para aterro. De resto, a indústria recompra tudo o que é papel ou cartão, vidro, metal ou plástico”

**Paulo Ramalho**  
vereador na Câmara da Maia

**O modelo implementado no concelho do grande Porto terá de ser estendido para todo o país até 2026**

## Na Maia quem recicla mais, paga menos

O ambiente é já uma bandeira de muitos municípios. Nestas páginas divulgamos o que é referência nacional para aumentar os níveis de reciclagem. São exemplos que deviam inspirar os autarcas da nossa região

A cidade da Maia, no distrito do Porto, é um dos municípios com melhores números – e mais prestígio – no que toca ao trabalho de reciclagem. Um dos projetos mais recentes continua esse caminho: como a água não é lixo, segundo o slogan da Deco, o que se paga pelo lixo produzido será separado da água e quem reciclar mais, paga menos. O lixo já não é só lixo, pode ser um valor.

É um projeto piloto que está em marcha desde o ano passado, junto de um universo de 4.200 clientes, para testar as soluções tecnológicas e o novo modelo tarifário, que responde a recomendações da União Europeia e que devem ser adaptadas e estendidas a todo o país até 2026.

Na Maia, os moradores abrangidos por este projeto e que vivem em habitações unifamiliares dispõem de contentores para utilização exclusiva, que estão registados com um código no Sistema de Gestão de Dados da Maiambiente e equipados com um identificador eletrónico tipo

chip, que permite monitorizar as recolhas efetuadas através de instrumentos próprios montados nos camiões de recolha.

Esses dados são integrados no Sistema de Gestão, tratados num módulo de cálculo das tarifas e serão posteriormente incluídos na fatura que é emitida pelos SMAS da Maia. Para facilidade dos moradores, a cobrança continuará a ser feita pelos SMAS da Maia, só que a tarifa deixa de estar indexada ao consumo de água e passa a ser calculada com base na quantidade de resíduos indiferenciados recolhida. O sistema é conhecido pelo acrónimo PAYT (Pay as you throw, Pague segundo o que reciclas ou, no slogan da Lipor, ‘Recicle mais, pague menos), em que cada habitação dispõe de contentores com chip e ligação ao sistema, de cores diferentes e com dia de recolha diferenciados segundo um cronograma distribuído aos municípios.

Como hoje tudo é comunicação, foi elaborado um plano para comunicar o projeto: uma

carta para os munícipes a explicar os objetivos, chamando, naturalmente, a atenção para os benefícios diretos na fatura para quem reduzir a fração de lixos indiferenciados a recolher. Os cidadãos podem consultar no portal da Maiambiente todos os dados das suas reciclagens, incluindo uma fatura virtual. O projeto não tem custos para os munícipes.

O vereador Paulo Ramalho, que tem a seu cargo a empresa Maiambiente, sublinha que “a Maia começou muito cedo a despertar para estes problemas, pela mão do antigo presidente, José Vieira de Carvalho, que pertencia ao Comité Europeu das Regiões, onde estes temas eram tratados de forma já muito séria. O atual presidente, Silva Tiago, também é um antigo vereador do Ambiente. Depois há em cima 20 e tal anos de sensibilização

**No portal do município dedicado ao ambiente, os cidadãos podem aceder aos dados relativos à reciclagem na sua habitação, incluindo as faturas virtuais**

da população, nomeadamente nas escolas, o que permite que as crianças se tornem adultos conscientes da necessidade de preservar o ambiente”. Na Maia, todos os prédios construídos nos últimos anos têm obrigatoriamente o compartimento do lixo, as moradias idem, e há recolha diferenciada porta a porta de lixo residencial e não residencial.

Os números dizem que na Maia 35% dos resíduos vão para reciclagem, o que é um número que nenhum outro município consegue. É também decisivo o princípio da economia circular: “Até há alguns anos, o lixo era o fim da linha de tudo. Hoje só temos 2% de lixo que vai para aterro. De resto, a indústria recompra tudo o que é papel ou cartão, vidro, metal ou plástico; depois há uma central incineradora que transforma resíduos em energia e ainda o aproveitamento para um fertilizante, o Nutrimais, considerado um bom produto. Isto permite que a fatura ligada aos lixos, que preocupa as câmaras e os munícipes, seja aliviada.”

A Lipor, Serviço Intermunicipalizado de Gestão de Resíduos do Grande Porto, é uma empresa criada em 1982 e que congrega oito municípios - Porto, Maia, Matosinhos, Gondomar,

Valongo, Póvoa de Varzim, Espinho e Vila do Conde.

### As quatro etapas

A Maia é um bom exemplo quanto à reciclagem (há outros no país), mas neste caso tudo está ligado ao que pode fazer a Lipor. Reciclar, recolher, entregar e manter são as quatro etapas que a Lipor tem definidas para o seu ciclo ligado à recolha seletiva, nomeadamente no lixo não residencial (relativo a cafés, hotéis, comércio, serviços).

Já todos os oito municípios envolvidos dispõem deste serviço de recolha seletiva a todos os maiores produtores de resíduos, o que significa um passo importante. Mas todos os municípios apostam no alargamento deste tipo de recolha e cada vez menos precisam de contentores comuns ou subterrâneos.

Também no lixo se fazem apostas em modelos costumizados, ou seja, de acordo com as necessidades das empresas e dos munícipes. Para isso, as viaturas de recolha têm cada vez mais instrumentos tecnológicos para ir medindo, quase em tempo real, o tipo e a tonelagem do que recolhem, ao mesmo tempo que estão ligados a um centro de dados essencial para o planeamento das várias operações. MC



# Oliveira do Bairro promove reciclagem com oferta de mini-ecopontos

Reduzir o tempo que cada munícipe despende na deposição de resíduos e sensibilizar para a sua separação são objetivos do Município de Oliveira do Bairro, que está a distribuir gratuitamente 25.500 mini-ecopontos pelas moradias unifamiliares do concelho.

Os contentores, 8.500 de cada cor (amarela, azul e verde), têm uma capacidade de 45 litros e estão a ser distribuídos nas quatro freguesias do concelho, para recolha porta-a-porta de resíduos recicláveis. Estes mini-ecopontos têm uma altura reduzida e podem ser empilhados, adaptando-se assim facilmente a pequenos espaços no interior das habitações.

O projeto “Separar para + Reciclar”, explica o vice-presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, Jorge Pato, prevê “recolhas porta-a-porta semanais, para os resíduos de papel e cartão e plástico e metal, e quinzenais, para os resíduos de vidro”.

Para além de não ter qualquer custo para o munícipe e de evitar a deslocação das pessoas aos eco-

pontos, o projeto, frisa Jorge Pato, responsável pelo pelouro do Ambiente, tem outras vantagens, pois “incrementa a capacidade de deposição dos resíduos recicláveis e sensibiliza a população para a importância da sua separação, de forma a aumentar a quantidade e qualidade de resíduos a encaminhar para reciclagem, diminuindo a quantidade de resíduos urbanos a depositar em aterro”.

Para já, o projeto incide apenas nas moradias unifamiliares, mas o município já está a preparar um projeto destinado às moradias de habitação multifamiliares (prédios), de forma a abranger todos os municípios do concelho.

Estes equipamentos são fabricados em polipropileno virgem ou reciclado, moldado por injeção, resistente ao impacto e totalmente reciclável. Possuem uma alça de suporte da tampa que mantém a tampa aberta e facilita a deposição de resíduos. Através de um sistema de leitura, os contentores ficam associados à respetiva moradia. OP



Os mini-ecopontos adaptam-se facilmente a pequenos espaços no interior das habitações Foto: OP



# Valorlis

Valorizamos o ambiente

**Continue a Reciclar.**  
 Separe os seus resíduos e coloque-os dentro do ecoponto correto.

[www.valorlis.pt](http://www.valorlis.pt)



PUBLICIDADE





Unidade de Tratamento Mecânico e Biológico da Valorlis Foto: Valorlis

## Expansão de recolha de proximidade prevista para os próximos anos

A informação e sensibilização continua a ser necessária para dissipar as dúvidas que surgem na hora de encaminhar resíduos para reciclagem. No entanto, a solução poderá estar também em tornar o processo mais próximo da população

Um pacote de iogurte sujo pode ser reciclado? E um frasco de doce? Antes de reciclar uma garrafa de vidro tenho de retirar o rótulo? As dúvidas são comuns e estas são as de Ricardo Camacho, um dos convidados da conferência organizada pelo REGIÃO DE LEIRIA (ver páginas 6 e 7), dedicada a questões ambientais. O arquiteto considera que o próprio desenho do produto cria dificuldades na reciclagem. Por isso, aconselha cada cidadão a “ter um critério na aquisição de objetos para poder reciclar melhor”.

Já Sónia Guerra, bióloga e convidada da sessão da passada sexta-feira, acredita que a informação é a chave para subir de nível na reciclagem. “Deveríamos começar por convidar grande parte da população a visitar as instalações” das estações de tratamento de resíduos, afirma.

Além disso, considera que em algumas zonas do concelho de Leiria, “sobretudo na periferia da cidade, os ecopontos ainda são poucos” e as pessoas acabam por ter de transportar os resíduos no

carro. “Mas a maioria das pessoas acaba por não o fazer”.

Por outro lado, Ricardo Camacho defende que a recolha porta a porta é a melhor solução e “muito mais próxima” dos cidadãos.

### Erros aumentam durante o confinamento

A pandemia levou a generalidade da população para dentro de casa e, com ela, a produção de resíduos. Nos concelhos da área de influência da Valorlis - Batalha, Leiria, Marinha Grande, Pombal, Porto de Mós e Ourém - foi registado um aumento de resíduos recolhidos nas zonas residenciais, em detrimento das zonas de estabelecimentos comerciais, restauração e serviços.

De acordo com a administradora delegada da empresa, Marta Guerreiro, verificou-se ainda “um aumento de contaminação dos resíduos colocados nos ecopontos como, por exemplo, fraldas, luvas e máscaras descartáveis”. Estes resíduos devem ser colocados no caixote do lixo indiferenciado. Houve ainda um

acréscimo “de outros resíduos provenientes de limpezas que os cidadãos fizeram às residências” no mesmo período.

Em 2020, a Valorlis recolheu 15.009 toneladas de resíduos nos ecopontos das três cores (verde, azul e amarelo), mais 1.337 toneladas do que em 2019. O ecoponto do papel e cartão é o que regista o maior valor (5.763 toneladas recolhidas), seguido do do vidro (5.330 toneladas) e do das embalagens (3.916 toneladas).

No próximo plano de investimentos, a Valorlis “prevê expandir os projetos de recolha de proximidade existentes”. Até à data, a recolha porta a porta é efetuada no comércio e serviços, de forma a aliviar a sobrecarga de resíduos dentro e fora dos ecopontos mais próximos. Já em zonas residenciais, este sistema está implementado nas localidades de Picassinos e Comeira, na Marinha Grande, e em Mouratos e Casal do Ralha, em Leiria, e abrange 2.100 casas. A Valorlis está a efetuar uma ação de sensibilização junto desta população com o objetivo de aumentar as quantidades de resíduos enviados para reciclagem.

Ainda no âmbito da recolha de proximidade, a empresa de recolha e tratamento de resíduos implementou em 2019 o projeto Ilhas Ecológicas, no concelho

da Marinha Grande. Até à data foram instaladas 233 destas plataformas em zonas “onde há dificuldade de colocação e recolha de ecopontos tradicionais”, mas que têm uma grande densidade de habitações de baixo porte, segundo explica a Valorlis. O projeto abrange 10 mil habitantes.

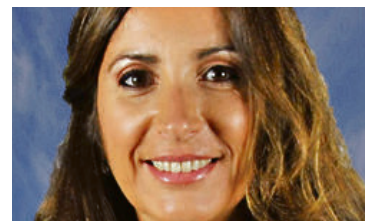
### Ecoponto castanho chega a Leiria ainda este ano

Leiria, Parceiros e Marrazes serão as primeiras localidades do concelho a receber o ecoponto castanho. A recolha seletiva de biorresíduos “arranca no último semestre deste ano com prazo de execução de um ano”, garantia dada por Ana Esperança, vereadora responsável pelo Ambiente. O novo sistema de recolha seletiva chama-se “Leiria + Verde” e é um projeto-piloto que servirá de base para o alargamento a todo o concelho. “Na prática, significa que serão distribuídos cerca de 800 contentores de cor castanha, bem como baldes domésticos de sete litros por cada fogo habitacional nas áreas abrangidas, num total aproximado de 14.200 fogos”, avança a autarca. A Valorlis ficará responsável pelo tratamento destes resíduos, numa linha específica da sua Unidade de Tratamento Mecânico e Biológico (TMB).

Este ano arrancará também o projeto “ReciLar”, com recolha seletiva porta a porta na freguesia de Rigueira de Pontes. Os contentores distribuídos terão um sistema que permitirá quantificar os resíduos recolhidos em cada casa. Ana Esperança adianta que “o município irá avaliar a possibilidade de aplicar uma tarifa individualizada, de acordo com a produção de resíduos, para que os agregados aderentes tenham acesso à informação sobre o nível de reciclagem que realizaram, podendo conhecer o que poupariam com o novo sistema”, à semelhança do que acontecerá no município de Maia, com o sistema PAYT (ver página 8).

Na mesma linha de ideia, será ainda implementado um projeto-piloto - “No separar está o ganho!” - na urbanização de Santa Clara, nos Parceiros. Através de um sistema tecnológico, cada deposição de resíduos ficará associada à morada do agregado familiar o que permitirá cobrar ao consumidor em função do volume de resíduos produzidos, deixando o valor de ser indexado por estimativa ao consumo de água.

Ana Esperança considera que a proximidade aos equipamentos é “efetivamente importante”, “mas esse aspeto por si só não resolve o problema dos baixos níveis de reciclagem atuais, sendo necessário apostar mais na comunicação e sensibilização”. JM



[No período do confinamento] verificámos algumas alterações comportamentais dos cidadãos, nomeadamente o aumento de contaminação dos resíduos colocados nos ecopontos como, por exemplo, fraldas, luvas e máscaras descartáveis.”

**Marta Guerreiro**  
administradora delegada da Valorlis



## Dicas sobre reciclagem

### Projeto em Leiria recicla mais de 1,5 milhões de embalagens

Instalada em março de 2020, a máquina para entrega de garrafas de plástico do Continente Leiria, no Leiria Shopping, já recebeu mais de 1,5 milhões de embalagens em plástico PET.

De acordo com a Sonae MC, o número representa uma entrega de mais de 500 mil euros em vales de desconto, para os clientes utilizarem nas lojas da cadeia de super e hipermercados. Numa fase inicial do projeto, em alternativa aos vales de desconto, os clientes que o desejassem podiam encaminhar o valor para donativo à CERCIPOM - Cooperativa de Ensino e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Pombal.

Recentemente, e “tendo-se atingido os objetivos ambientais deste projeto-piloto”, o valor acumulado com a entrega de garrafas de plástico passou a ser automaticamente direcionado para a instituição. A Sonae MC afirma que a adesão dos clientes “na nova fase do projeto, foi muito boa, visto que também é importante ajudar a sua região”. JM

#### Lâminas de barbear

Ainda não existe uma solução de recolha diferenciada para este tipo de resíduos. Devem ser colocados no caixote do “lixo indiferenciado”.

#### Embalagens sujas

As embalagens e frascos sujos não precisam de ser lavados. Basta escorrer e colocar no ecoponto correto.

#### Baterias automóveis

Estes materiais não devem ser colocados nos ecopontos ou no caixote do lixo indiferenciado. Deverão ser entregues em pontos de tratamento específicos, como a Valorlis.

#### Lâmpadas

Deverão ser encaminhadas para a Electrão - Associação de Gestão de Resíduos, para a ERP - European Recycling Platform ou para a WEECYCLE, entidades gestoras deste tipo de resíduos. Os pontos de recolha estão, muitas vezes, em lojas de venda de equipamentos elétricos e eletrónicos.

#### Medicamentos

Devem ser entregues em farmácias com a embalagem completa. Podem ser entregues embalagens com restos de medicamento, como xaropes, comprimidos ou cremes.

#### Pequenas quantidades de resíduos perigosos

Tintas, diluentes, colas, produtos químicos e amianto/fibrocimento são alguns dos materiais que se enquadram nesta categoria. Os municípios têm, por vezes, campanhas de recolha destes resíduos através de ecocentros.

#### Papel autocolante

Este tipo de resíduos não deve ser colocado no ecoponto azul. Deverá seguir junto com o lixo indiferenciado.

#### Monos domésticos

Deve entrar em contacto com a câmara municipal que indica o procedimento adequado.

Fonte: Wasteapp - Quercus

## Numa lista de 62 municípios, Pombal é o mais sustentável

Em 2020, o concelho de Pombal foi distinguido por boas-práticas em sustentabilidade, obtendo o primeiro lugar – partilhado com o município de Loures – no galardão Bandeira Verde Eco XXI.

Para avaliar a sustentabilidade de uma autarquia, o júri do prémio avalia um conjunto de 21 indicadores. Pombal apenas surge no topo da tabela num deles (mobilidade sustentável), mas é bem classificada em pontos como sustentabilidade das zonas balneares, cidadania, governança e participação e transparência, digitalização e conectividade, nos quais aparece em segundo lugar.

A autarquia de Leiria é classificada em quinto lugar nesta tabela de sustentabilidade do Eco XXI, um programa implementado desde 2005, promovido pela Associação Bandeira Azul da Europa. De acordo com a organização, a iniciativa “visa reconhecer as melhores práticas de sustentabilidade ao nível municipal”, avaliando indicadores

nas áreas ambiental, social e económica.

Pombal e Leiria integram o grupo de municípios com índice de desempenho de sustentabilidade acima dos 80%, mas houve outras três câmaras da região a concurso: Nazaré, Ourém e Alvaiázere, que ocupam posições mais abaixo na avaliação do júri da edição de 2020.

Os municípios que se candidatam a este reconhecimento pagam um montante que varia consoante o número de habitantes e o histórico de candidaturas. No caso de Pombal, a autarquia pagou 720 euros, sendo que a câmara de Leiria pagou 1.200 euros.

“É uma forma de nós medirmos os resultados que atingimos, comparar-nos com os outros e vermos que aquilo que estamos a executar cumpre, ou não cumpre, toda a organização e planeamento”, dizia o autarca de Pombal, Diogo Mateus, no final de 2020, citado em comunicado. CS



Comércio de Sucatas, Unipessoal, Lda.

- Comércio de Sucatas
- Abate Viaturas
- Venda de Peças Usadas

#### BATALHA

Comércio de Sucatas . Abate Viaturas  
Telem. 919 462 781 . Tel./Fax: 244 854 854  
Rua do Vale das Crelas, 328  
Barreirinhos- Perulhal . Reguengo do Fetal  
E-mail: moises.monteiro.lida@gmail.com

#### LEIRIA

Venda de Peças Usadas  
Telem. 913 533 515  
Tel./Fax: 244 024 003  
Rua dos Outeiros, n.º 45  
Gândara dos Olivais  
E-mail: moisespecas@gmail.com

[www.moises-monteiro.com](http://www.moises-monteiro.com)





# ecofuturo

gestão e valorização de resíduos

 [Facebook.com/Ecofuturo.pt](https://www.facebook.com/Ecofuturo.pt)
 [@ecofuturo.pt](https://www.instagram.com/ecofuturo.pt)
[www.ecofuturo.pt](http://www.ecofuturo.pt)







## Faltam ecopontos e campanhas de sensibilização para a reciclagem no concelho, indica estudo

Poucos ecopontos e contentores, bem como falta de campanhas de sensibilização para a reciclagem são as lacunas que os municípios mais destacam no tema do lixo doméstico, segundo um estudo recente realizado pela empresa Aximage a 800 pessoas

O número não alcança a maioria absoluta, mas é expressivo. 31% das 800 pessoas com mais de 18 anos inquiridas num estudo ambiental realizado, a pedido da Câmara, pela empresa Aximage, entre 10 de fevereiro e 3 de março, pedem mais ecopontos e contentores junto da sua área de residência. As queixas são mais representativas nas freguesias de Amor, Bajouca, Souto da Carpalhosa e Ortigosa, Coimbra, Monte Redondo e Carreira e Monte Real e Carvide.

O problema reside no “lixo caído, falta de limpeza dos contentores e do espaço circundante”. Daí, 15% da amostra defender que são precisas mais campanhas de sensibilização sobre os cuidados a ter na deposição dos lixos domésticos e como fazer a devida

separação dos resíduos.

As conclusões do estudo orientado por João Fonseca Ferreira mostram, ainda, que existe uma minoria que não realiza a reciclagem (12%) e que 72% dos inquiridos estão indisponíveis para participar em recolhas seletivas de lixo porta a porta. Já 92% mostra disponibilidade em fazer a separação dos resíduos orgânicos.

Além das campanhas relativas à reciclagem, existe boa disponibilidade dos inquiridos para participar em grupos de voluntários na promoção de um modo de vida mais sustentável no concelho, com maior preocupação em ações de plantação de árvores e de limpeza da floresta, bem como em ações de sensibilização ambiental, mostrando que o papel

de cada cidadão é muito importante na luta de mão dada pelo desenvolvimento sustentável.

### Problemas de mobilidade, mas bons espaços verdes

A mobilidade e os espaços verdes são outros dois temas em análise no estudo, igualmente caros ao concelho, que contribuem para o retrato da qualidade do ambiente em Leiria.

Quanto à mobilidade, os maiores problemas referidos consistem na circulação pedonal com malas ou carrinhos ou para quem utiliza cadeira de rodas. É indicada uma “deficiente” rede de transportes públicos urbanos, essencialmente devido aos horários e aos itinerários, e alguma dificuldade na circulação de velocípedes, apesar do grande investimento do município em ciclovias urbanas e bicicletas elétricas, considerado positivo pelos inquiridos. Já no que toca à deslocação pedonal em segurança, a oferta existente de percursos é avaliada como “boa”.

A maior facilidade de desloca-

ção na zona de residência dos inquiridos é através do carro, meio de transporte que reúne as preferências (89%), apesar de haver concordância do seu impacto na poluição ambiental.

Se por um lado são identificadas lacunas, por outro os inquiridos estão muito satisfeitos com a oferta de espaços verdes existente, destacando o jardim de Almuinha Grande e o percurso Polis, os elegidos para lazer e desfrutar a natureza. Mas não é descartada a relevância em construir um “grande parque verde” em Leiria. Ideia apoiada por mais de 80% dos entrevistados.

### Poluição suinícola é o principal problema ambiental

Falar de ambiente em Leiria implica abordar a poluição suinícola e a consequente poluição da bacia hidrográfica do rio Lis em resultado, também, das descargas de efluentes domésticos e industriais. Estes continuam a ser os principais problemas ambientais do concelho e 65% dos entrevistados dizem que a qualidade de vida é diretamente afetada, pedindo a melhoria do tratamento de efluentes suinícolas e a despoluição dos rios e ribeiras.

Segundo o estudo, as freguesias de Caranguejeira, Marrazes e Barosa, Santa Eufémia e Boa Vista foram as mais afetadas pela poluição suinícola, no período considerado. Destaque, ainda, para Milagres, Regueira de Pontes, Colmeias e Memória e Bidoeira de Cima. Enquanto Coimbra, Monte Real e Carvide e Monte Redondo e Carreira, os locais com maior incidência na poluição dos rios e ribeiras.

A poluição suinícola é um problema que se arrasta há mais de 50 anos e, tendo em conta os avanços e recuos e a inoperância na sua resolução pelos proprietários, os leirienses (54%) defendem a necessidade de uma intervenção local ou central. E há, também, quem defenda uma atuação mais musculada, através da aplicação de coimas ou multas.

De uma forma geral, a defesa do ambiente é considerada um problema de todos. Mas 23% atribuem essa responsabilidade às autarquias. E é destacada a ausência de conhecimento face às campanhas de sensibilização realizadas pelo município no combate às alterações climáticas (72%) e na promoção do desenvolvimento sustentável (64%).

Apesar dos grandes problemas ambientais que afetam o município, mais da maioria dos entrevistados gosta de viver no concelho e não pretende mudar de residência.

# 31%

31% dos entrevistados pede mais ecopontos e contentores para a separação do lixo doméstico na sua área de residência. E 15% diz que faltam campanhas de sensibilização sobre os cuidados a ter na reciclagem.

# 92%

92% dos inquiridos mostra disponibilidade para fazer a separação dos resíduos orgânicos. Por outro lado, 12% não faz a reciclagem e 72% estão indisponíveis para recolhas seletivas de lixo porta a porta.

# 65%

65% da amostra considera que a qualidade de vida tem vindo a ser diretamente afetada pelos problemas ambientais do concelho, designadamente a poluição suinícola e a poluição da bacia hidrográfica do rio Lis.





**GRUPO NOV**  
AMBIENTE & ENERGIA

Soluções integradas  
para um futuro  
mais sustentável

Gestão e Valorização de Resíduos · Compostagem · Valorização de Orgânicos  
Valorização de Subprodutos · Águas e Saneamento  
Estudos e Projetos · Energias Renováveis  
Manutenção e Desenvolvimento de Equipamentos Ambientais e Agroindustriais  
Estudos de Eficiência Energética · Engenharia e Serviços Eletromecânicos

Rua de Tomar, n.º 80 | 2495-185 Santa Catarina da Serra | Portugal  
Tel.: (+351) 244 749 100 | Fax: (+351) 244 749 110  
geral@gruponov.com | www.gruponov.com

